

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

| | |
|-------------------------------------|--------------------------|
| MONSENHOR BRITO . | A. A. |
| CHRONICA FLUMINENSE . . . | A. |
| SOARES DE SOUSA JUNIOR . . . | A. |
| MUSA ALES. . . | Soares de Sousa Junior. |
| AMOR NAS CATAUMBAS . . . | Arthur Gulmarães. |
| CAPITULAÇÃO . . . | Padre Corrêa de Almeida. |
| EVANGELHOS. | Cosimo. |
| À BEBITA | A. A. |
| AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO | Alfredo Bastos. |
| THEATROS . . . | X. Y. Z. |

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. JOAQUIM ABILIO BORGES

MONSENHOR BRITO

Luiz Raymundo da Silva Brito nasceu em 24 de agosto de 1840, na villa de S. Bento dos Perises, na provincia hoje estado do Maranhão. E' filho legitimo de Bernardino da Silva Brito e D. Amalia da Silva Brito.

Terminou em 1861 o seu curso de theologia no seminario de Santo Antonio, que ainda existe na capital d'aquelle estado, mas, não tendo idade para concluir a sua ordenação, só em 1864 foi ordenado pelo bispo D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, de saudosa memoria.

Logo depois de ordenado voltou para a villa em que nascêra, e ahi fundou um collegio.

Em 1868 foi nomeado vigario da freguezia de N. S. do Rozario; em 1870 reitor do seminario de N. S. das Mercês, e em seguida professor da primeira cadeira de latim do mesmo seminario e lente de direito canonico no de Santo Antonio.

No anno seguinte foi vigario collado da freguezia de S. Benedicto de Caxias.

Em 1875 elegeram-no deputado á Assembléa Provincial do Maranhão.

Em maio de 1877 veio para o Rio de Janeiro por ter sido no mez anterior nomeado vice-reitor do Internato Pedro II.

Aqui chegado, foi logo admittido a pregar na Capella Imperial, e em 1878 nomeado conego honorario da mesma capella.

Em 1880 pediu exoneração do cargo de vice-reitor.

Em 1882 foi nomeado vigario de Nictheroy, e no anno seguinte Vigario Geral do Bispado do Rio de Janeiro.

Em 1884 Leão XIII concedeu-lhe o titulo de Monsenhor Protonotario Apostolico ad Instar Participantium.

Por esse tempo fundou no morro do Castello o collegio da Natividade, onde muitas criancinhas pobres encontraram educação e asylo.

Em 1885 foi nomeado professor de religião da Escola Normal, em 1888 reitor do Externato Pedro II, e nesse mesmo anno professor de religião do Collegio Militar, cargo que deixou em virtude da separação da Igreja e do Estado.

Em 1891 foi aposentado no cargo de reitor do Externato, já n'esse tempo transformado pela Republica em Gymnazio Nacional.

*

Por esse rapido e fugitivo esboço biographico, ou antes, simples e desguarnecida serie de datas, podem ser avaliados os meritos do preclaro cidadão cujo retrato vem hoje honrar a galeria do *Album*.

Na carreira ecclesiastica as honras e as dignidades conquistam-se com mais esforço que n'outra qualquer; o padre que aos 52 annos tem o passado honroso de monsenhor Brito, não precisa de outro documento para provar que vale muito.

Não cabe nos limites d'esta folha acompanhar o sympathico sacerdote nas rudes batalhas que ferio em defeza da fé; nos triumphos alcançados no pulpito, na tribuna parlamentar e na imprensa; nas suas glorias de sabio educador que foi, austero e paternal; nos innumerados actos de caridade, praticados na sombra mas divulgados pela indiscreta gratidão dos pobres . . .

Não!—este ligeiro artigo poderá, quando muito, salientar o orador sagrado que todos admiram em monsenhor Brito, e aprecial-o mais detidamente por esse especial talento, que lhe tem valido a grande popularidade que o seu nome goza.

O illustre pregador é o herdeiro legitimo de Montalverne. Os seus sermões são artisticos; primam pela fôrma grammatical, e ao mesmo tempo pela elevação da idéa e sobriedade da phrase. A sua palavra é correcta, para que os letrados a admirem, e singela, para que o povo a entenda. A sua voz é sonora, fluente, vibrante e unctuosa; derrama-se pela egreja como o incenso, languida e penetrante. Parece sahir não de uma bocca, mas de um thurybulo. Ouvindo-o, não ha livre pensador que não se sinta um momento arrebatado para a idéa de Deus e dos santos. Os devotos, esses, quando o ouvem, mergulham-se ainda mais no lago profundo e sereno das suas crenças. Monsenhor Brito é o mais completo dos oradores sagrados.

Na sociedade é um cavalheiro estimabilissimo, o verdadeiro typo do padre moderno, virtuoso e austero, mas despido de toda a hypocrisia, um salvador de almas que não impõe a fé religiosa aos espiritos rebeldés, nem traz, escondido na sotaina, um alfange de mahometano disfarçado em cruz.

Muitos se admiram de monsenhor Brito, que tanto honra o clero brasileiro, não ser ainda bispo effectivo, tendo-o sido tantas vezes interino. Sel-o-ha em breve e... quem sabe? um dia, se Deus lhe conservar a vida, receberá de Roma o chapéu cardinalicio.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Hontem ficou muito espantada a minha coleha de inverno quando á meia noite fui arraneal-a ao fundo de uma gaveta :

— Que é isto? perguntou ella; já estamos em junho?!

— Não; estamos apenas em 8 de fevereiro, mas faz tanto frio, que não tenho remedio senão recorrer aos teus bons serviços.

Estremunhada ainda por um despertar tão brusco e inesperado, a colcha perguntou-me a que eu attribuia semelhante phenomeno meteorologico.

E' natural que sentisse grande necessidade de sciencias naturaes uma pobre colcha que sahia assim das trevas de uma gaveta; mas eu é que a tão adiantada hora da noite não estava para conversas, e respondi-lhe que attribuia o phenomeno ao Carnaval. Respondi-lhe isso como poderia ter respondido outra coisa qualquer.

— Ao Carnaval? repetio a colcha; que diabo quer dizer Carnaval?

— Tens razão de não saber; estás sempre guardada na epoca do Carnaval, e o estiveste mesmo em junho, no anno passado, porque fazia um calor carnavalesco.

— Que palavra é essa?

— Uma mistura de senegalesco e carnavalesco.

—O Carnaval, minha filha, é uma festa semi-barbara, em que muitos se divertem, outros fingem que se divertem, e outros, esses em maioria absoluta, se enfastiam.

— Tu em que categoria estás? Dos que se divertem?

— Não; dos que se enfastiam.

— Porque?

— Não sei; o prazer e o aborrecimento não são convencionaes.

— Mas ha de haver uma causa...?

— Tens razão; ha, talvez, uma causa para o meu fastio. Uma noite, ha um bom par de annos, fui ao baile de mascaras no S Pedro. Dansava-se muito, mas sem... como direi?... sem *entrain*. Eu debalde procurava um mascara que me dissesse alguma coisa de espirito, e, desesperançado, já me dispunha a sahir, quando vi, sentado n'uma cadeira, um sujeito vestido de casaca preta com botões de papel dourado, as mãos mettidas n'um par de luvas de algodão, e sujo, sujissimo como por via de regra são todos os masearas. O vestuario era estúpido, mas a carranca, não sei se de papelão ou cera, era uma obra prima de esculptura pandega. Representava um velhote risonho. A bocca, os olhos, as ventas— tudo ria, com um riso communicativo e bonancheirão. A mascara lembrava a figura principal d'aquelles incomparaveis *Borrachos*, de Velasquez.

— Adiante!

— Eu sou um homem triste, como sabes, mas sympathiso muito com a alegria dos outros. Seduzido por aquella physionomia eminentemente comica, approximei-me do mascara, e pedi-lhe que me dissesse uma pilheria. Oh! desgraça! d'aquella cara alegre sahiram estas palavras n'um tom soturno e concavo: «Vá seguindo o seu caminho, e não bula com quem está socegado no seu canto»!

— Ora esta!

— Esse mascara, minha adorada colcha, esse mascara indispoz-me de uma vez por todas com o Carnaval. Não imaginas o effeito que produziu no meu espirito, e ainda persiste, o máo humor d'aquelle pobre diabo de luvas de algodão! Tu perguntas-me o que é o Carnaval; é isso: uma cara alegre encobrimdo uma alma triste como a rola afflicta!

— Mas porque dizias que o Carnaval é a causa do phenomeno que me obriga a sahir da doce tranquillidade d'aquelle gavetão?

— O anno passado a Intendencia transferio o Carnaval para junho, por que em fevereiro faz muito calor. A Natureza, para mostrar á Intendencia que é sempre um erro inverter a ordem das coisas ha muito tempo estabelecidas, deu-nos o anno passado

calor em junho e dá-nos este anno frio em fevereiro.

— Fia-te nessa generosidade. Amanhã ou depois fará um calor de rachar !

— Não duvido, mas basta de dar á lingua ! Quero dormir. Aquece-me bem.

— Homem, não durmas ainda ! Conta-me as novidades. Tu sabes que sou uma colcha alegre ; dize-me... tem havido muitas coisas engraçadas ?

— Ha muito tempo não tínhamos quem nos fizesse rir. A vida fluminense arrastava-se monotona, com a lentidão e a melancolia do boi... Nem um facto comico, nem uma chalaça inedita, nem uma nova invenção do Dr. Castro Lopes !

— Devéras ?

— Já estávamos todos resignados a morrer de aborrecimento, como tu no fundo da tua gaveta, quando appareceu o Dr. Abel Parente com a sua famosa descoberta para impedir que as mulheres concebam...

— Eu é que não concebo como a justiça consente...

— Já lá vamos : o Dr. Viveiros de Castro, promotor publico, accusa o homem, mas o Dr. Francisco de Castro, chefe da repartição sanitaria, defende-o ; entre os dous Castros, o Dr. Parente póde castrar á vontade !

— Que mais novidades temos ?

— Muitas ; um encontro de trens na Estrada de Ferro...

— Outro ?

— Outro ; a exposição do nosso paizagista Parreiras...

— Outra ?

— Outra ; as manobras da esquadra na Copacabana... Mas... são horas de dormir. Quero despertar cedinho para escrever a chronica do *Album*.

— Pois dorme. Boa noite !

— Boa noite ! Aquece-me bem !

A.

SOARES DE SOUSA JUNIOR

Ha muito tempo era esperada a dolorosa noticia do fallecimento do nosso presado collega Antonio José Soares de Sousa Junior.

Vencido pela tuberculose, elle partira para Barbacena já n'um estado quasi desesperador, e de lá mudára-se para a estação de Mendes, onde falleceu a 5 do corrente.

Soares de Sousa Junior pouco mais teria de quarenta annos.

Os seus estudos foram incompletos. Abraçou muito novo a carreira commercial, e chegou a ter

casa de negocio na sua terra natal, a cidade da Parahyba do Sul.

Antes d'isso escrevera para o editor Garnier, sob o pseudonymo de Kock Junior, alguns romancetes humoristicos ; mas não gostava que lhe lembrassem esses primeiros fructos da sua vocação litteraria.

Deixou a Parahyba do Sul, e veio despachado 1.º official de uma repartição de fazenda em Niteroy, cargo que abandonou, declarando-se publicamente desgostoso pela adhesão do Sr. Dr. Portella ao golpe de Estado.

Depois de publicar um livro de versos, *Canções dos tropicos*, entregou-se com denodo á vida litteraria.

Começou collaborando assiduamente na *Vida Moderna*, revista litteraria que inserio, talvez, os seus melhores escriptos. Entrou depois para o jornal *Novidades*, onde as suas magnificas *Rimas por flauta* lhe valeram um convite para fazer parte da redacção da *Gazeta de Noticias*. Ahi escreveu diariamente as *Fanfreluches*, que já não valiam as *Rimas por flauta*. O *Jornal do Commercio* abriu-lhe por fim as portas, e elle ahi publicou, tambem diariamente, as *Farfalhas*, inferiores ás *Fanfreluches*.

O poeta humoristico entregára-se de corpo e alma ao theatro, que é um genero muito absorvente ; assim se explica o seu desmerecimento gradual nos outros generos.

Se bem me lembro, Soares de Sousa Junior estreou-se como autor dramatico no Recreio, com uma pequena comedia em verso, o *Caximbo da vovó* ; escreveu depois o *Engraxate*, drama em 1 acto, tambem em verso ; tomando, afinal, a direcção do Variedades, sem que todavia o seu nome figurasse ao gosto do publico fluminense algumas peças francezas e hespanholas que fizeram a fortuna daquelle theatro. Foi extraordinario o *successo* da *Dama de ouros*, do *Frei Satanaz*, do *Rei que damnou*, das *Maçans de ouro*, etc.

Deixou outra magica ensaiada e prompta para subir á scena : o *Diabo coxo*.

Não duvido que o Variedades contribuisse para matal-o. Eu tive tambem a desgraça de passar pela direcção de um theatro do Rio de Janeiro, e declaro que não ha vida que aniquille com tanta força a natureza de um individuo intelligente, que não tenha nascido ou não se educasse no meio da *cabotinnage*, nem possua character que se amolgue ás intrigas dos bastidores.

O poeta das *Canções dos tropicos* tinha muito talento, era um trabalhador infatigavel e honesto, mas trabalhou sempre ás pressas, sobre o joelho, *au jour le jour*, e por isso de sua obra não ficarão, talvez, senão algumas paginas alegres. O mesmo nos ha de acontecer a todos que lavramos o campo ingrato das letras brasileiras, e não temos quem nos estimule e nos ame, e só recebemos a paga

Não!—este ligeiro artigo poderá, quando muito, salientar o orador sagrado que todos admiram em monsenhor Brito, e aprecial-o mais detidamente por esse especial talento, que lhe tem valido a grande popularidade que o seu nome goza.

O illustre pregador é o herdeiro legitimo de Montalverne. Os seus sermões são artisticos; primam pela fórma grammatical, e ao mesmo tempo pela elevação da idéa e sobriedade da phrase. A sua palavra é correcta, para que os letrados a admirem, e singela, para que o povo a entenda. A sua voz é sonora, fluente, vibrante e unctuosa; derrama-se pela egreja como o incenso, languida e penetrante. Parece sahir não de uma bocca, mas de um thurybulo. Ouvindo-o, não ha livre pensador que não se sinta um momento arrebatado para a idéa de Deus e dos santos. Os devotos, esses, quando o ouvem, mergulham-se ainda mais no lago profundo e sereno das suas crenças. Monsenhor Brito é o mais completo dos oradores sagrados.

Na sociedade é um cavalheiro estimabilissimo, o verdadeiro typo do padre moderno, virtuoso e austero, mas despido de toda a hypocrisia, um salvador de almas que não impõe a fé religiosa aos espiritos rebeldés, nem traz, escondido na sotaina, um alfainge de mahometano disfarçado em cruz.

Muitos se admiram de monsenhor Brito, que tanto honra o clero brasileiro, não ser ainda bispo effectivo, tendo-o sido tantas vezes interino. Sel-o-ha em breve e... quem sabe? um dia, se Deus lhe conservar a vida, receberá de Roma o chapéu cardinalicio.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Hontem ficou muito espantada a minha colcha de inverno quando á meia noite fui arrancal-a ao fundo de uma gaveta:

— Que é isto? perguntou ella; já estamos em junho?!

— Não; estamos apenas em 8 de fevereiro, mas faz tanto frio; que não tenho remedio senão recorrer aos teus bons serviços.

Estremunhada ainda por um despertar tão brusco e inesperado, a colcha perguntou-me a que eu attribuia semelhante phenomeno meteorologico.

E' natural que sentisse grande necessidade de sciencias naturaes uma pobre colcha que sahia assim das trevas de uma gaveta; mas eu é que a tão adiantada hora da noite não estava para conversas, e respondi-lhe que attribuia o phenomeno ao Carnaval. Respondi-lhe isso como poderia ter respondido outra coisa qualquer.

— Ao Carnaval? repetio a colcha; que diabo quer dizer Carnaval?

— Tens razão de não saber; estás sempre guardada na epoca do Carnaval, e o estiveste mesmo em junho, no anno passado, porque fazia um calor carnavalesco.

— Que palavra é essa?

— Uma mistura de senegalesco e carnavalesco.

— O Carnaval, minha filha, é uma festa semi-barbara, em que muitos se divertem, outros fingem que se divertem, e outros, esses em maioria absoluta, se enfastiam.

— Tu em que categoria estás? Dos que se divertem?

— Não; dos que se enfastiam.

— Porque?

— Não sei; o prazer e o aborrecimento não são convencionaes.

— Mas ha de haver uma causa...?

— Teus razão; ha, talvez, uma causa para o meu fastio. Uma noite, ha um bom par de annos, fui ao baile de mascarar no S Pedro. Dansava-se muito, mas sem... como direi?... sem *entraîn*. Eu debalde procurava um mascara que me dissesse alguma coisa de espirito, e, desesperançado, já me dispunha a sahir, quando vi, sentado n'uma cadeira, um sujeito vestido de casaca preta com botões de papel dourado, as mãos mettidas n'um par de luvas de algodão, e sujo, sujissimo como por via de regra são todos os mascarar. O vestuario era estúpido, mas a carranca, não sei se de papelão ou cera, era uma obra prima de esculptura pandega. Representava um velhote risonho. A bocca, os olhos, as ventas— tudo ria, com um riso communicativo e bonancheirão. A mascara lembrava a figura principal d'aquelles incomparaveis *Borrachos*, de Velasquez.

— Adiante!

— Eu sou um homem triste, como sabes, mas sympathiso muito com a alegria dos outros. Seduzido por aquella physionomia eminentemente comica, approximei-me do mascara, e pedi-lhe que me dissesse uma pilheria. Oh! desgraça! d'aquella cara alegre sahiram estas palavras n'um tom soturno e concavo: «Vá seguindo o seu caminho, e não bula com quem está socegado no seu canto»!

— Ora esta!

— Esse mascara, minha adorada colcha, esse mascara indispoz-me de uma vez por todas com o Carnaval. Não imaginas o effeito que produzio no meu espirito, e ainda persiste, o máo humor d'aquelle pobre diabo de luvas de algodão! Tu perguntas-me o que é o Carnaval; é isso: uma cara alegre encobrindo uma alma triste como a rola afflicta!

— Mas porque dizias que o Carnaval é a causa do phenomeno que me obriga a sahir da doce tranquillidade d'aquelle gavetão?

— O anno passado a Intendencia transferio o Carnaval para junho, por que em fevereiro faz muito calor. A Natureza, para mostrar á Intendencia que é sempre um erro inverter a ordem das coisas ha muito tempo estabelecidas, deu-nos o anno passado

calor em junho e dá-nos este anno frio em fevereiro.

— Fia-te nessa generosidade. Amanhã ou depois fará um calor de rachar !

— Não duvido, mas basta de dar á lingua ! Quero dormir. Aquece-me bem.

— Homem, não durmas ainda ! Conta-me as novidades. Tu sabes que sou uma colcha alegre ; dize-me... tem havido muitas coisas engraçadas ?

— Ha muito tempo não tínhamos quem nos fizesse rir. A vida fluminense arrastava-se monotoná, com a lentidão e a melancolia do boi... Nem um facto comico, nem uma chalaça inedita, nem uma nova invenção do Dr. Castro Lopes !

— Devéras ?

— Já estávamos todos resignados a morrer de aborrecimento, como tu no fundo da tua gaveta, quando appareceu o Dr. Abel Parente com a sua famosa descoberta para impedir que as mulheres concebam...

— Eu é que não concebo como a justiça consente...

— Já lá vamos : o Dr. Viveiros de Castro, promotor publico, accusa o homem, mas o Dr. Francisco de Castro, chefe da repartição sanitaria, defende-o ; entre os dous Castros, o Dr. Parente póde castrar á vontade !

— Que mais novidades temos ?

— Muitas ; um encontro de trens na Estrada de Ferro...

— Outro ?

— Outro ; a exposição do nosso paizagista Parreiras...

— Outra ?

— Outra ; as manobras da esquadra na Copacabana... Mas... são horas de dormir. Quero despertar cedinho para escrever a chronica do *Album*.

— Pois dorme. Boa noite !

— Boa noite ! Aquece-me bem !

A.

SOARES DE SOUSA JUNIOR

Ha muito tempo era esperada a dolorosa noticia do fallecimento do nosso presado collega Antonio José Soares de Sousa Junior.

Vencido pela tuberculose, elle partira para Barbacena já n'um estado quasi desesperador, e de lá mudára-se para a estação de Mendes, onde falleceu a 5 do corrente.

Soares de Sousa Junior pouco mais teria de quarenta annos.

Os seus estudos foram incompletos. Abraçou muito novo a carreira commercial, e chegou a ter

casa de negocio na sua terra natal, a cidade da Parahyba do Sul.

Antes d'isso escrevera para o editor Garnier, sob o pseudonymo de Kock Junior, alguns romancetes humoristicos ; mas não gostava que lhe lembrassem esses primeiros fructos da sua vocação litteraria.

Deixou a Parahyba do Sul, e veio despachado 1.º official de uma repartição de fazenda em Niteroy, cargo que abandonou, declarando-se publicamente desgostoso pela adhesão do Sr. Dr. Portella ao golpe de Estado.

Depois de publicar um livro de versos, *Canções dos tropicos*, entregou-se com denodo á vida litteraria.

Começou collaborando assiduamente na *Vida Moderna*, revista litteraria que inserio, talvez, os seus melhores escriptos. Entrou depois para o jornal *Novidades*, onde as suas magnificas *Rimas por flauta* lhe valeram um convite para fazer parte da redacção da *Gazeta de Noticias*. Ahi escreveu diariamente as *Fanfreluches*, que já não valiam as *Rimas por flauta*. O *Jornal do Commercio* abriu-lhe por fim as portas, e elle ahi publicou, tambem diariamente, as *Farfalhas*, inferiores ás *Fanfreluches*.

O poeta humoristico entregára-se de corpo e alma ao theatro, que é um genero muito absorvente ; assim se explica o seu desmerecimento gradual nos outros generos.

Se bem me lembro, Soares de Sousa Junior estreou-se como autor dramatico no Recreio, com uma pequena comedia em verso, o *Caximbo da voyó* ; escreveu depois o *Engraxate*, drama em 1 acto, tambem em verso ; tomando, afinal, a direcção do Variedades, sem que todavia o seu nome figurasse como director, teve a habilidade de condimentar ao gosto do publico fluminense algumas peças francezas e hespanholas que fizeram a fortuna daquelle theatro. Foi extraordinario o successo da *Dama de ouros*, do *Frei Satanaz*, do *Rei que damnou*, das *Maçans de ouro*, etc.

Deixou outra magica ensaiada e prompta para subir á scena : o *Diabo coxo*.

Não duvido que o Variedades contribuisse para matal-o. Eu tive tambem a desgraça de passar pela direcção de um theatro do Rio de Janeiro, e declaro que não ha vida que aniquille com tanta força a natureza de um individuo intelligente, que não tenha nascido ou não se educasse no meio da *cabotinage*, nem possua character que se amolgue ás intrigas dos bastidores.

O poeta das *Canções dos tropicos* tinha muito talento, era um trabalhador infatigavel e honesto, mas trabalhou sempre ás pressas, sobre o joelho, *au jour le jour*, e por isso de sua obra não ficarão, talvez, senão algumas paginas alegres. O mesmo nos ha de acontecer a todos que lavramos o campo ingrato das lettras brasileiras, e não temos quem nos estimule e nos ame, e só recebemos a paga

material do nosso trabalho, quando fazemos obra de fãncaria.

A Soares de Sousa Junior toda a saudade do *Album*, que é uma prolongação da *Vida Moderna*.

A.

MUSA ALES

A ALBERTO SILVA

O' casta companheira dos meus dias,
Immaculada pomba que me levas
Ao teu ideal jardim,
Não me abandones, filha, ás agnias
Das vigílias tristissimas, ás trevas
Das solidões sem fim!

Hei de viver contigo, e sempre, e enquanto
Viveres a meu lado, e n'este peito
Um coração pulsar;
Quero rir-me se ris; quero o meu pranto,
N'um rosario de perolas desfeito,
Ao teu collo atirar.

Contigo as longas noites, minha amante,
Quero passar: e, sabes? fallaremos
De ti, de mim, de nós;
Das minhas phantasiás, do brilhante
Fulgor dos teus olhares, e veremos
Ir-se a noite veloz.

Não me feches as palpebras: — velando,
Sei que contigo estou, e que me fujas
Receio, se dormir;
Quando vier o traçoireiro e brando
Somno, querida, tu que o sobrepujas,
Depressa faze-o ir.

Não quero adormecer; inda que os sonhos
Me colham nos seus mais festivos laços,
Não quero assim sonhar;
Pois se desperto os tenho, e mais risonhos,
E tenho mais ainda os teus abraços,
Teus beijos ao luar.

Neste banho de luz que nos inunda,
Minh'alma a fluctuar, n'um claro raio
Contigo segue além...
E sobe, e sobe, e quanto mais profunda
A noite vae descendo, eu mais me espraio
Na luz que me sustem.

Nas solidões da noite eu vivo e canto,
E um mundo estranho accorda á phantasia
Que vem do teu olhar;
Hei de viver contigo, e sempre, e enquanto
Puder em teu regaço — ó Poesia —
Sonhar, sonhar, sonhar.

SOARES DE SOUSA JUNIOR.

Ao livro dos *Cambiantes*, que está no prelo, pertence a phantasia inedita que em seguida publicamos:

AMOR NAS CATACUMBAS

Um dia Amor foi visitar catacumbas, e internou-se por extensas e sombrias galerias, percorrendo esconsos corredores, querendó conhecer a treva, avido de uma impressão, embora falsa, do *além*; entretanto, depois de muito andar, apavorando-se-lhe a alma sensível, estacou e, quêdo, buscou um canto para descansar.

Até alli nada vira, comquanto já a fadiga sentisse, porque, presa d'uma allucinação, caminhára em somnambulismo; serenando, elle foi comprehendendo o horror d'aquelle mundo á parte, pleno de visões e escuridades, e para logo detestou-o.

Como, porém, sahir do tremendo abysmo, se perdêra a rota, se ignorava o paradeiro dos caminhos?

O desalento entrára a dominal-o, a treva cegava-o... Tinha tantas, tantas saudades da claridade, bem dita e anhelada!...

E, mais um instante, tombaria, se uma fada não o amparasse, acariciando-o, a qual sahio d'uma crypta, alçando mágica vara.

Ao acercar-se do hospede, disse:

— Bemvindo sejas, Amor.

Amor, sorpreso, respondeu á saudação, fixando-a demoradamente; depois murmurou docemente:

— Tira-me da treva, dá-me a claridade, bella fada.

— Dar-t'a-ei, Amor. Acompanha-me. Vou ensinar-te o caminho.

E, apressado, Amor collocou-se ao lado da fada generosa.

Seguiram.

Desfilaram por tumulos, cryptas, capellas, ruinas de oratorios, contornando os grandes corredores.

A fada, solícita, ia explicando:

— Vês esses tumulos desolados? Occultam almas myrradas, beijos fenecidos, risos e desejos. Vês estas fundas cryptas? Têm uma humidade perenne, que distilla pela abobada, gotta por gotta, como estalactites... são lagrimas. Vês, pouco adiante, aquellas capellas desornamentadas? São as capellas das virgens, que os máos pensamentos aluem. Vês, mais além, aquellas ruinas de oratorios? São corações partidos, emmurchecidos, que tu deixaste morrer.

Amor, que attento estivera, rompeu o mutismo para interrogar a fada:

— E tu, boa estrella, que representas?

— A Vida; sou o guia das catacumbas, o guarda dos tumulos, das cryptas, das capellas, das ruinas de oratorios. Mas... ali tens uma bête de luz; corre ao encalço della antes que fuja...



MONSENHOR BRITO

Amor, galgando a claridade, vestio os prismas da tentação, abandonando a Vida exquisita das catacumbas para abraçar a das douradas Illusões.

E em torno das alegrias, ao rhythm do goso, elle vive, trefego e sorridente, tangido pela claridade... sempre, sempre...

ARTHUR GUIMARÃES.

CAPITULAÇÃO

SENECTUS EST MORBUS

Que a velhice é doença agora vejo,
Nas vespersas dos languidos oitenta;
Ao velho a modernice descontenta,
Pois vio coisas melhores de sobejo.

Realismo parece-lhe despejo,
Que sans moralidades afugenta;
Atacado de bilis rabugenta,
De vans reprehensões não perde ensejo.

Descobrinho inimigos de emboscada,
Quer, a torto e a direito, dar pancada;
Cambaleia, tropeça e cae no chão.

Sendo asism, e estando eu á dependura,
Nem podendo morder sem dentadura,
L os mancebos imploro a compaixão.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, 27 de janeiro de 1883.

EVANGELHOS

Mais um livro de versos, meus senhores!

D'esta vez não se trata de um estreiante: o poeta é Arthur Lobo, a quem já devemos outra collecção, — *Rhytmos e rimas*, e um poemeto, — *Lei universal*.

N'este livrinho de cem paginas, muito bem manufacturado na Imprensa Popular, da capital da Bahia, algumas coisas ha que applaudir, e outras que... notar.

Tem o poeta visivel propensão para o emprego de termos obsoletos; ao que parece, receia parecer desataviado e singelo aos olhos do publico; teme que a simplicidade, essa grande virtude artistica, lhe seja levada em conta de ignorancia.

Os prosadores e poetas que andam pela floresta dos dictionarios á caça de velhos vocabulos, não se tornam por isso mais estimados, e caceteiam (per-

doem-me o verbo, que não entrou ainda na tal floresta) e caceteiam o leitor, obrigando-o a consultar, muitas vezes á toa, o Moraes ou o Domingos Vieira.

E' bom ler os dictionarios, mas não para esse fim. Um poeta conheci eu (poeta é um modo de dizer) que os frequentava assiduamente, e compunha um soneto de proposito para aproveitar quatro ou cinco palavras que arrecadava em cada visita.

Arthur Lobo não chegou ainda a esse ponto, e espero em Deus que não chegará.

Outra coisa a notar é o abuso do *enjambement*. Isto, por exemplo, não se perdoa:

Ha risos n'agua, e vozes no silvedo
Ha. Fremitos da luz e da verdura, etc.

Era tão simples e tão natural escrever:

Ha risos n'agua e vozes no silvedo,
Ha fremitos da luz, etc.!

A' parte o senão, que é proposital e por isso mesmo facil de corrigir, todo o livrinho me encantou devéras.

Entre outras coisas bonitas, ha lá uns *Versos antigos*, que renovaram ao meu espirito a sensação exacta da primeira leitura do nosso doce Gonzaga. E' uma reconstrucção intelligente e graciosa do que se fazia nos bellos tempos da cabelleira de rabicho.

Composição muito recommendavel tambem me pareceram *Bos* (pag. 19), *Ad agros* (pag. 77), *Após uma estrela* (pag. 89), e muitas outras que não cito para não tornar demasiado longa esta noticia.

Para terminar, transcreverei este soneto que se me afigura um dos mais bellos da collecção:

PROPOSTAS DESHONESTAS

A AURELIO NEVES

Disse-me a Estrella: « A côr mais bella e opima
Dou-te da minha rútila palleta. »
Volve a Harmonia: « E eu dou-te a estranha rima
Mais sonora, mais rica e mais completa. »

« Vê a epiderme que meu collo anima! »
Gemeu a Rosa. « O' venturoso poeta! »
Falla por fim o Aroma, « A essencia-prima
Dentre todas recolhe a mais discreta! »

E eu ri-me, então ouvindo, uma por uma,
As propostas de toda a gente aquella
— Gente invejosa e presumida, em summa.

Ingenuidade alvar! Porque mais bella
Prenda haverá que valha, e em si resuma
A cor, o voz, o aroma e o beijo d'Ella?!

Em resumo, o autor dos *Evangelhos* merece holrosa collocação entre os nossos poetas contemporaneos mais estimados.

COSIMO.

A' BEBITA

NO DIA DO SEU PRIMEIRO ANNIVERSARIO

Bebita, minha afilhada,
Mando-te uma versalhada
Hoje que um anno completas...
Mamãe detesta as sextilhas?
Pois não procure p'r'as filhas
Padrinhos que sejam poetas!

Tens um anno, um anno apenas;
Inda te aquecem as pennas
Do teu melindroso ninho,
E a tua tenra molleira
Só sonha co'a mamadeira
E o *pince-nez* do dindinho!

De crescer não tenhas pressa:
Crescendo, só se tropeça
Na dor e no desengano...
Em tendo maior idade,
Verás que é felicidade
Contar apenas um anno!

*

Dês que a aurora incandescente
Hoje raiou no oriente,
Tenho pensado em que objecto
Hei de mandar-te, ó Bebita,
Como lembrança catita
Do meu entranhado affecto...

Uma boneca? Inda é cedo;
Na tua idade um brinquedo,
Bebita, não vale nada.
Já tens carrinho e cadeira,
Pipo, chocalho e pulseira...
Mando-te uma versalhada!

Eu quiz — desejo insensato! —
No *Album* dar o teu retrato
E o teu esboço biographico;
Faria Dom Juan Gutierrez
Com todos os éfes e érres,
Um *bibelot* photographico...

Mas tenho medo que bramem,
Protestem, gritem, reclamem
Assignantes pouco amaveis,
Se a tua phototypia
Figurar na galeria
Entre pessoas notaveis.

« Quem será esta criança?
Pinta? Escreve? Canta? Dansa?
Faz sonetos? Que faz ella? »
« Meus senhores, não faz nada...
Só faz ser minha afilhada,
E como os anjos ser bella! »

Paciencia, Bebita linda,
Não és sequer gente ainda,
Não tens, não podes ter fama...
Pesaroso me constranjo,
Porque o retrato de um anjo
Não está no nosso programma.

*

Mas como eu contára ufano
A tua vida de um anno
N'um estylo dos mais nobres!
O nascimento almejado,
E depois o baptisado
Em Santo Antonio dos Pobres!

Eu dissera a vez primeira
(Foi n'uma segunda-feira)
Em que um sorriso esboçaste,
E aquella manhan ridente
Em que o teu primeiro dente
N'outro sorriso mostraste.

E o dia em que, de surpresa,
Sentadinha sobre a mesa,
Fazendo cara de chôro,
Disseste *maman*; e o dia...
Mas eu fiz-te a biographia,
Não ha que ver, meu thezouro!

Todo o biographo insuspeito,
Percebendo algum defeito.
O biographado não poupa;
Direi, pois, que esta afilhada
Me prega muita mijada
De me inundar toda a roupa!

Se faz manha a pequenita,
Esperneia, chora, grita
Manhans ou tardes inteiras,
E, emquanto às queixas exhala,
Não ha, para socegal-a,
Maracás nem mamadeiras!

Minto. Eu deito-a no meu collo,
E, embalando-a, cantarolo
Um canto ultra-somnolento:
A tal *Senhora Sant'Anna*,
Musica wagneriana,
Que a faz dormir n'um momento.

*

Basta. Dei o meu recado...
Já me sinto fatigado...
E é caso dos mais perversos
Mandar a uma menina
Tão mimosa e pequenina
Duas columnas de versos.

A. A.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

III

(Continuação)

N'este instante, Carrero, o amigo de Lucio, acercou-se :

— Que tens, que te vejo pallido?

— Nada! Esta mulher quasi que me endoidece com as suas excentricidades!

— A mãe de Carmen?

— Ella mesma! Dize-me: tens certeza de que esta senhora é mãe de Carmen?

— Essa é boa! E' o que consta na sociedade e provavelmente na certidão de baptismo de Carmen. Porque me fazes essa pergunta extemporanea?...

— Porque... Escuta-me muito em segredo: na minha opinião, Dolores não póde ser mãe de Carmen.

— Estás doido?

— Não, não estou; essa mulher não póde ser mãe, porque não ha mãe que deteste os filhos.

— E ella?...

— Indigna, *coquette*, egoista, ha de perder a filha, porque d'ella vae afastando os rapazes honestos que a possam amar.

— Mas... queres saber de uma coisa?... Tu endoideceste?...

— Tudo quanto quizeres. Repara: estás vendo aquelle individuo, alto, ridiculo, de nariz adunco, que tem dansado com Carmen?—E' um testa de ferro, um par grotesco, antisocial, que Dolores *impinge* á pobre da filha.

— Porque?

— Porque Dolores quer sobresahir a Carmen. E' linda, bem conversada...

— Lá isso é!...

— E antes de se convencer de que é mãe, é *coquette*.

— N'esse caso, inveja a filha...

— Não inveja a filha, inveja os triumphos de Carmen.

— *Caramba!*... A' vista do que affirmas, Dolores não é mãe, nem mulher, é um monstro!

— Adivinhaste: um monstro!

E, travando de braço de Carrero, levou-o para fóra do salão. Approximaram-se do *buffet*, pequena sala modestamente mobiliada com peças de nogueira.

Ao centro estendiam-se por sobre uma mesa oval esses pequeninos artigos de confeitaria, trabalhados com massas e amendoas.

A' bandeja de prata, sobre a qual se erguia a torre da pastelaria, encimada por tres microscopicos pavilhões orientaes, fazia a córte meia duzia de garrafas, umas de bojo largo como frades licenciados,

outras de gargalo magro e alto como inglezes no desempenho de acto de summa gravidade.

Luziam as capsulas metallicas, marcadas em baixo relevo pela *etiquette* das fabricas.

O *chartreuse*, a *forster's bier* e o Porto-velho, religiosamente sujo e pragmaticamente poento, estavam alli, solemnes.

No meio d'esses filhos do fermento, apparecia, modesta, a garrafinha do *guindado*, a bebida caseira e preparada, com as fructas da *guinda*, por mãos das grandes sacerdotisas do *ménage*.

Lucio entrou com o amigo no *buffet*, e, com a rapidez do soffrego, examinou os recantos. A' luz diffusa sumia-se quasi na extremidade da saleta um velho, calvo, meio deitado n'uma poltrona, indolentemente abandonado á temperatura confortavel do damasco, e fumando compassadamente um *londres* aromatico.

O velho distrahia-se a deixar volitar, de par com as espiraes azuladas da fumaça, os seus retrogrados pensamentos politicos. Esse individuo não deu pela presença dos moços.

Então Lucio explicou a Carrero toda a conversa que tivera com Dolores. Depois, descansou a voz n'umas prolongadas reticencias, que o amigo aceitou como se fossem uma interrogativa.

— Bom! — principiou Carrero — sou franco e não me dou bem com meias palavras. *Pan pan y vino vino*. Queres saber a minha opinião sobre essa pequena comedia representada por ti e por Dolores?

— Dize.

— Ou essa mulher é doida, o que não creio, porque as manifestações da loucura não se assemelham ao que me contas, ou... procura um amante.

Lucio deu dous passos, como quem se queria retirar, assustado pelo que acabava de ouvir. Carrero, com gesto de intimidade, bateu-lhe no hombro:

— Queres um conselho? Queres casar com Carmen?

— São os meus desejos.

— Alto lá, meu caro, não falles tão alto. Lembra-te que alli está um velhote que nos póde denunciar. Que diabo! vocês não podem apaixonar-se sem gritar para o mundo todas as exaltações, que lhes fervem no miolo!...

— Deixemo-nos de graças. Vamos saber: que conselho me dás para alcançar a mão de Carmen?

— Que te deixes conduzir pela de Dolores.

— Mas... se procura um amante, como pretender o amor da filha?

— Conserva-te como amante platónico; e, sem perder de vista Carmen, faze que não comprehendes a *coisa*... Afinal, ella mesma abandona-te, porque dirá consigo: este homem é um imbecil; offereço-lhe o meu amor, offereço-me com toda a minha belleza... e é um idiota, não me comprehende ou contenta-se com um amor infantil, com o amor de Carmen... Provavelmente é o primeiro amor; tem enlevos; extasia-se, delira, exalta-se, enlouquece,

— casa-se, com as mesmas crenças de um padre protestante. Rua com elle...

— Bravo, Carrero! se a divagação que terminaste se realizasse, era capaz de seguir os teus conselhos. Todavia, parecem-me um pouco exaltados!...

— Póde ser, bebi dous calices de *chartreuse* e este illustre representante, que veio ao sarão do coronel Blanco apresentar as suas credenciaes, delegado pela nobre classe dos bons licores, tem uma acção poderosa sobre o meu systema nervoso. Seja como for, abalanço-me a jurar segredo e a proteger-te. Lembra-te da phrase mestra: do sublime ao ridiculo só vae um passo.

- O sublime ..
- E' Carmen...
- O ridiculo..
- Tu me dirás quem é...
- Dolores.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Para as pessoas que se interessam pelo nosso theatro não é estranho o nome de Fernando Pinto de Almeida, autor de um bonito drama brasileiro, a *Lei de 28 de Setembro*, representado no theatro Lucinda por uma companhia dramatica de que foi empresario o ex-actor Martins, e tambem autor de outro drama interessante, *Azas de Icaro*, que não vio a luz da rampa, mas foi publicado em livro.

Pois bem, Fernando de Almeida acaba de escrever uma grande peça intitulada a *Redempção de Tiradentes*, que não sei nem posso classificar em nenhum dos numerosos generos em que se divide e sub-divide a litteratura dramatica. Não é um melodrama allegorico, nem um drama historico, nem uma peça patriotica, nem uma magica, nem uma comedia politica, mas é tudo isso ao mesmo tempo. Trata-se de uma opulenta phantasia, uma revista não de anno mas de seculo, que começa no Campo de S. Domingos, no momento da execução de Tiradentes, atravessa todos os periodos historicos da nossa vida nacional, e termina com a proclamação da Republica.

O autor quiz demonstrar na sua obra que o novo regimem politico da nossa Patria foi o resultado logico e fatal de factos longamente amontoados, e é um erro dizer que o povo brasileiro assistio bestializado á revolução de 15 de Novembro

A peça é bem escripta e está feita com a habilitade que o nosso dramaturgo revelou nos seus dous

primeiros trabalhos; presumo, entretanto, que, difficilmente poderá ser representada, á vista do numerooso pessoal que exige para a reprodução scenica de muitos personagens contemporaneos.

Debellada tal difficuldade, que é toda material mas muito importante, essa revista de seculo, pittoresca, original e patriotica, poderá fazer a fortuna da empreza theatral que a pozer em scena. Ha alli copioso regalo para espiritos, corações, olhos e ouvidos.

*

Além de uma *reprise* do sempiterno *Sarilho* no Recreio Dramatico, os nosos theatros nenhuma novidade deram durante a semana. Estão se reservando todos para depois do Carnaval.

X. Y. Z.

O *Album* recebeu as seguintes publicações: *Estudo clinico da placenta previa*, these inaugural, do illustrado Dr. Francisco Sodré, ex-interno de clinica obstetrica e gynecologica, ex-interno da 2ª cadeira de clinica cirurgica, ex-presidente do Gremio dos Internos dos Hospitaes, ex-redactor da *Revista* do mesmo Gremio; o *Barbeirinho de Sevilha*, opereta em tres actos, por Eduardo Garrido, adaptação da comedia de Sardou *Les premières armes de Figaro*, posta em musica por Abdon Milanez, representada com applauso no theatro Apollo, editada pelos Srs. Magalhães & Comp., e impressa n'um elegante volume pela casa Lombaerts; *Lições de historia geral*, escriptas com muito methodo e claresa por Annibal Mascarenhas, de accordo com o ultimo programma approved pela Inspectoria de Instrucção Publica para os exames de historia, e editadas pelos Srs. Quaresma & Comp. (Livraria do Povo); *Exposição sobre o estado e necessidades do Jardim Botânico*, apresentada, em 12 de Junho de 1890, ao ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, por J. Barbosa Rodrigues, o illustre director d'aquelle estabelecimento.

Agradecemos.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA LACHAUD, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

COMPANHIA PHOTOGRAPHICA BRASILEIRA, rua Gonçalves Dias n. 40.

Imprensa H. Lombaerts & C.